
Operadores conceituais dos métodos de pesquisa em psicanálise: um estudo no PPGPSI/UFSJ

Maria Gláucia Pires Calzavara

Roberto Calazans

Júlio Eduardo de Castro

Wilson Camilo Chaves

Fuad Kyrillos Neto

Pedro Laureano Sobrino

1 O ensino ético da psicanálise na universidade

Em 1919 Freud (1919/2010) redigiu um manuscrito com uma intrigante questão: deve-se ensinar psicanálise nas universidades? Ele propôs que a resposta a esta indagação fosse elaborada em dois pontos de vista. O primeiro ponto ressaltava a psicanálise, para a qual a universidade é dispensável, pois o analista pode suprir suas necessidades de aprendizagem na literatura especializada, nas reuniões científicas das sociedades psicanalíticas e na troca de experiências com analistas mais experientes. O autor enuncia aqui o conhecido tripé presente na formação de analistas: análise pessoal, supervisão e estudo da teoria psicanalítica.

O segundo ponto do mesmo manuscrito freudiano destacava a universidade e suas possíveis relações com a psicanálise. Ele indagava se as universidades

estariam dispostas a atribuir algum valor à psicanálise na formação de médicos e cientistas. Freud apresenta aí argumentos acerca da importância do ensino da psicanálise na formação médica, destacando a pertinência do conhecimento, por parte dos futuros profissionais, dos “fatores psíquicos nas diversas funções vitais, assim como nas enfermidades e em seu tratamento” (FREUD, 1919/2010, p. 378-379). Outra função que Freud propõe para a psicanálise na universidade seria a de oferecer uma preparação para o estudo da psiquiatria que ultrapasse o caráter “meramente descritivo” (FREUD, 1919/2010, p. 380).

Lacan, no afamado prefácio que escreveu para o livro de Anika Lemaire (LACAN, 1979), no qual discute as relações de seu trabalho com a universidade, adota um tom de desdém: “não podemos senão nos prender” cada vez mais (ao discurso universitário), mesmo que seja “acima de tudo para amaldiçoá-lo” (LACAN, 1979, p. 21).

Mais especificamente sobre a relação entre psicanálise e pesquisa, Freud, no conhecido texto da técnica “Recomendações ao médico para o tratamento analítico”, nos adverte que “um dos méritos do trabalho analítico é que nele pesquisa e tratamento coincidem, mas a técnica que serve a um, de um certo ponto de vista, acaba se opondo à outra” (FREUD, 1912/2017, p. 97).

Vemos, assim, ainda que preocupado com a prática da psicanálise, com o tratamento psicanalítico, nesse texto de 1912, que é com a relação da psicanálise com a ciência que Freud acaba se preocupando. Motivo pelo qual o leva, logo em seguida, a afirmar que não se deve publicar a respeito de um caso antes que ele tenha terminado. Nossa experiência de dez anos no PPGPSI da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) evidenciou o quanto foi se estendendo, no que na universidade é possível, o trabalho com o “Caso”, o tomar certas instituições, como Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), por exemplo, como escopo de estudos psicanalíticos, tomando os devidos cuidados éticos para apreender se há um lugar que possa o analista aí ocupar e que possíveis consequências se

extrairiam dessa ocupação pelo analista na dinâmica da instituição. De certa maneira, Freud aborda também esse aspecto da relação da psicanálise com as instituições, ou melhor, da ampliação do campo analítico ao “levar” a psicanálise até as instituições, isso no conhecido texto da técnica “Caminhos da terapia psicanalítica” (1918-1919/2017).

Sobre as relações da psicanálise com o ensino hoje realizado nas universidades brasileiras, adotamos a preocupação e o ponto de vista de Castro (2016) ao afirmar que, quando a ética da psicanálise é levada em conta no ensino, universitário ou não, esse mesmo ensino

Nunca será uma frente de resistência onde o eu possa alojar-se. Contrariamente, quando o ensino da psicanálise resiste às influências do ato e do desejo do psicanalista, ele se transforma em porta-voz do sintoma daquele que tenta ensinar e/ou da instituição onde essa tentativa é feita, contando, para tal, com aquilo que, no discurso universitário, favorece a dessubjetivação do saber e a não implicação do sujeito do inconsciente. Já o ensino orientado pela ética da psicanálise é uma via aberta às surpresas – que têm no objeto a a causa – e às contingências que, como tais, trazem a oportunidade de escrita/literalização do real (CASTRO, 2016, p. 230).

Não é de sem igual relevância trazer à baila o que Freud, no também texto dito como técnico “A análise finita e a infinita”, afirma a respeito da importância de articular o tratamento analítico com a teoria, sua bruxa: “sem especulação metapsicológica e teorização – quase diria: sem fantasiar – não avançamos nenhum passo sequer” (FREUD, 1937/2017, p. 326). Estendemos também essa afirmativa de Freud ao ensino e à produção de pesquisas em psicanálise na universidade e, especificamente, no PPGPSI da UFSJ. Assim, parece-nos que foi o que procuramos realizar nesses dez anos de trabalho, cujos dados apresentamos neste artigo.

Em que pese as ressalvas freudianas elaboradas no início na primeira década do século XX, acerca da presença da psicanálise na universidade, e a aversão laciana ao discurso universitário, uma realidade se impõe a nós. Cada vez mais alunos da graduação em Psicologia e profissionais da psicanálise prosseguem seus estudos através de mestrados e doutorados, e complementam sua formação com supervisões e grupos de estudos informais (SOUZA, 2001). É o que veremos a seguir.

2 A pesquisa psicanalítica na universidade brasileira

A pesquisa em psicanálise nas universidades brasileiras está plenamente consolidada. Ora, qual o significado dessa afirmação? Cremos que já é o momento de superar a dicotomia entre a pesquisa em psicanálise que se faz nas universidades e nas diversas escolas de psicanálise, uma vez que encontramos pesquisas conduzidas por psicanalistas a respeito de temas eminentemente clínicos nas universidades, assim como desenvolvimentos teóricos extremamente aprofundados nas diversas escolas de psicanálise¹. Mas se podemos superar essa dicotomia, é para irmos em qual direção? Na direção de pensar, com Freud, que

A psicanálise é o nome de um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por outro modo; de um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e de uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, 1922/1996, p. 253).

Essa definição de Freud, hoje, pode ser atualizada: afinal, a psicanálise, baseada em sua investigação, não é um método de tratamento apenas para estruturas neuróticas, mas para psicóticas e perversas também – sem contar a

¹ Essa é a posição de Tania Coelho dos Santos ao dizer: “A universidade precisa reconhecer que um pesquisador em psicanálise não pode prescindir, em sua pesquisa, da relação com sua própria análise, e a formação de um psicanalista que não se reduza a um praticante talvez não deva, igualmente, dispensar uma formação acadêmica levada às últimas consequências” (Santos, 2002, p. 27).

definição controversa de *borderline* —; ela se dá em diversos contextos que não exclusivamente os consultórios, mas também em clínicas ampliadas, centro de atenção psicossocial, medidas socioeducativas, escolas, hospitais gerais etc., ampliando, assim, a possibilidade de pesquisas e atendimentos ou modificando a técnica para situações específicas nas quais, muitas vezes, os psicanalistas são convocados a atuar. É nesse sentido que muitos psicanalistas buscam sistematizar sua *práxis* e fontes empíricas em pesquisas na universidade, o que leva a isso que chamamos de consolidação da pesquisa em psicanálise na universidade brasileira.

Uma amostra do que estamos dizendo, podemos encontrar no Documento de Área de Psicologia² da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que norteia avaliação dos Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu*³. De acordo com o Documento, a Área de Psicologia tem em sua maioria Programas com Cursos de Mestrado e Doutorado caracterizados a partir de uma nomeação geral chamada Psicologia, tendo especificidade a partir daí nas Áreas de Concentração dos Programas e em suas linhas de Pesquisa. Em geral, cada universidade tem apenas um Programa de Pós-graduação, o que explicaria essa nomeação geral. Mas em instituições em que a Área de Psicologia possuiria uma dimensão mais expressiva, encontraríamos mais programas cuja nomeação consegue ser mais específica. São os casos da Universidade de São Paulo (USP) (sete programas); Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (quatro programas cada) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (três programas cada). Na UFRJ, UERJ e UFRGS temos programas específicos

2 Iremos nos restringir aqui apenas à Área de Psicologia, por ser a que mais concentra pesquisadores e linhas de pesquisa em Psicanálise, mas não é restrita a essa área a atuação de pesquisadores e a organização de pesquisadores em linhas de pesquisa e áreas de concentração em Psicanálise: podemos encontrar linhas de pesquisa em Psicanálise em Programas de Pós-graduação em Educação; Letras; Medicina; Direito dentre outros.

3 Não podemos deixar de mencionar que no Brasil a pesquisa científica é realizada, em sua grande maioria, nas Universidades a partir de seus Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu*.

em Psicanálise, em que as pesquisas e demais atividades são realizadas apenas em psicanálise. Mais especificamente na UERJ encontramos, além de um Programa de Pós-graduação acadêmico em Psicanálise, também um Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Profissional. No Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura, encontramos uma linha de pesquisa intitulada Psicanálise, Subjetivação e Cultura, assim como no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, temos a linha de Pesquisa Investigações em Psicanálise, e na UFPA, no Programa de Pós-graduação em Psicologia, temos a linha de Pesquisa Psicanálise. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no programa de Pós-graduação em Psicologia Social, temos uma linha de pesquisa específica em psicanálise (Psicanálise e Sociedade). Os demais programas desta instituição não têm uma linha de pesquisa exclusiva em psicanálise e os pesquisadores-psicanalistas se agrupam em torno do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Esse fato acontece em vários programas do país, em que os psicanalistas ora se congregam em torno da Psicologia Clínica, ora em torno de Fundamentos da Psicologia, como é o caso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGPSI/UFSJ).

No entanto, no computo geral da área, quando levamos em consideração, segundo o documento de área, detectamos que 50% dos programas se denominam Psicologia. Mas quando é examinado o tópico Linhas de Pesquisa – que são o *locus* onde os pesquisadores se reúnem para realizarem efetivamente seu trabalho – vemos que a psicanálise (encontramos vinte e uma linhas de pesquisa em Programas de todas as regiões do país) é a quinta no *ranking* (CAPES, 2017, p. 9).

Desse modo, podemos notar que se considerarmos apenas a pesquisa em psicanálise no âmbito da área de avaliação psicologia da Capes, a psicanálise estará presente, seja por meio de Programas Específicos, seja por meio de Áreas de Concentração ou Linhas de Pesquisa, ou ainda por meio de atuação de psicanalistas em Linhas de Pesquisa que não têm a nomeação Psicanálise, mas estão em interface com a *práxis* psicanalítica. Por isso a consolidação da

pesquisa psicanalítica na universidade é notável, inclusive ao considerarmos o caso específico da UFSJ.

Outro dado interessante da pujança em psicanálise no Brasil é a maior premiação de livros do país – o Prêmio Jabuti. Na categoria Psicologia, Psicanálise e Comportamento, de 2013 a 2017, somente autores da Psicanálise foram contemplados em todos os três primeiros lugares⁴. Em 2018, a Categoria, junto com outras dezessete, foi excluída da premiação. Desse modo, acreditamos que é importante notar que a psicanálise e sua pesquisa no país já constituem uma inegável “coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica”, e que podemos avaliar como ela se insere nas universidades e com quais métodos de pesquisa ela tem se havido para a construção de um campo de pesquisa que seja universalizante e singular ao mesmo tempo.

3 A psicanálise no PPGPSI/UFSJ

No âmbito do PPGPSI, essa realidade se confirma. Um levantamento realizado no banco de dissertações do referido programa com o objetivo de obter informações sobre o número de produções dissertativas apresentadas no âmbito da

4 **Vencedores das Edições do Prêmio Jabuti. 2013:** “O sujeito na contemporaneidade” (Editora Civilização Brasileira) de Joel Birman (1º lugar); “Psiquismo e vida: sobre a noção de trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche” (Editora da Universidade Federal do Paraná) de Eduardo Ribeiro da Fonseca (2º lugar); “A música do tempo infinito” (Ed Cosac Naify) de Tales A. M. Ab’sáber (3º lugar). **2014** – “O avesso do imaginário” (Cosac & Naify), de Tania Rivera (1º lugar); “Antígona e a ética trágica da psicanálise” (Editora Zahar) de Ingrid Vorsatz (2º lugar); “Onde tudo acontece – cultura e psicanálise no século XXI” (Ed Civilização Brasileira) de Giovanna Bartucci (3º lugar). **2015** – “O tronco e os ramos” (Companhia das Letras) de Renato Mezan (1º lugar); “A fabricação do humano. Psicanálise, subjetivação e cultura” (Zagodoni Editora) de Daniel Kupermann, Eduardo Leal Cunha, Joel Birman (Orgs.) (2º lugar); “Deus analisado – os católicos e Freud” (Editora Loyola) de Ricardo Torri de Araújo (3º lugar). **2016** – “Lacan chinês: poesia, ideograma e caligrafia chinesa de uma psicanálise” (Editora da Universidade Federal de Alagoas), de Cleyton Andrade (1º lugar); “Mal-estar, sofrimento e sintoma” (Boitempo Editorial) de Christian Ingo Lenz Dunker (2º lugar); “Litorais da psicanálise” (Editora Escuta) de Ana Costa (3º lugar). **2017** – “A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento” (Editora Escuta), de Miriam Debieux Rosa (1º lugar); “O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual (Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP) de Cláudia Prioste (2º lugar); “De que cor será sentir? – Método psicanalítico no psicose” (Editora Manole) de Marina de Oliveira Costa (3º lugar).

psicanálise, nos últimos dez anos, nos indica um número de 43 dissertações concluídas sob o referencial psicanalítico em um total de 187 dissertações publicadas em todo o programa.

No contexto dessas quarenta e três dissertações, realizamos a leitura de seus resumos, buscando dados sobre os autores utilizados e os métodos de pesquisas. Nessa leitura das dissertações, buscamos, para elucidar o material pesquisado, o que Freud ressalta no que se refere à pesquisa da psicanálise na universidade. Nesse manuscrito freudiano, no que concerne ao que deve ser aprendido pelo estudante, Freud destaca que “será suficiente que ele aprenda algo *sobre* psicanálise e que aprenda algo *a partir da* psicanálise” (FREUD, 1919/2010, p. 220). No contexto do PPGPSI, as pesquisas “sobre” psicanálise retratam questões concernentes aos conceitos fundamentais e sua articulação com outros campos do saber, com o objetivo de elucidá-los segundo as concepções psicanalíticas. Por outro lado, a pesquisa “a partir da” psicanálise seria propriamente a pesquisa “em” psicanálise, tal como compreendida por Fontelles; Coutinho; Hoffman (2018), realizada a partir de material clínico e do método psicanalítico.

No estudo das 43 dissertações, 35 dissertações “sobre” psicanálise, oito dissertações “em” psicanálise e três em que tanto a investigação dos conceitos fundamentais e do método clínico se conjugam. A confirmação da extensa presença do referencial freudolaciano se evidencia na totalidade das dissertações defendidas. Nessas investigações sobre os conceitos fundamentais da psicanálise se destacam: sintomas e novos sintomas, repetição, transferência; gozo; fantasma. E conceituações clínicas como psicose, autismo, fobia infantil, adolescência, depressão.

Há notório predomínio de pesquisas teóricas, o que revela a investigação sobre psicanálise e seus conceitos fundamentais. Nesse levantamento, das 43 dissertações, 35 são eminentemente teóricas e versam “sobre” a psicanálise. Temos oito dissertações que apresentam pesquisa “em” psicanálise, o que evidencia a psicanálise aplicada. Nestas, temos duas que trabalham com fobia e psicose na clínica: duas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que

tratam de fragmentos do discurso dos sujeitos e da função de estabilização do discurso psicótico; uma no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), em que a pesquisa fez uma aposta na escuta no interior da instituição e na Associação de Assistência aos Condenados (APAC), cujo trabalho objetivou mapear os impasses e os pontos de tensão que se colocam no âmbito da terapêutica penal denominada método APAC; e uma pesquisa no campo do direito, em que se discute a atualidade das relações entre direito e psicanálise e suas aplicações práticas, tendo como eixo condutor os efeitos da função do pai, tanto na constituição subjetiva quanto no ordenamento jurídico. Dessas 35, destacamos três que podem se inserir na perspectiva de uma pesquisa “sobre” psicanálise e “em” psicanálise, uma vez que uma delas discutiu qual o estatuto da Repetição envolvida no fenômeno da Reincidência Infracional Juvenil por meio de Estudo de Caso. Outra dissertação coloca em relevo, a partir dos conceitos de sujeito e psicose, o que a psicanálise pode ofertar a um dispositivo de média complexidade de saúde mental (CAPS) sob uma perspectiva de intervenção no caso clínico. E por fim, outra dissertação analisou a prática da psicanálise na interface com o direito de família por meio de uma escuta e intervenção psicanalíticas.

Alguns teóricos surgem na articulação com Freud e Lacan, tais como Žižek e Kant, que aparecem uma única vez, com o objetivo de demonstrar as aproximações e distanciamentos do modelo de Razão, proposto por Kant, e do esquematismo transcendental da experiência proposto por Žižek. Melanie Klein marcou sua presença por duas vezes em articulações com Freud e Lacan e suas contribuições para a constituição subjetiva da criança no âmbito da acepção de família. Hanna Arendt aparece em uma dissertação com o objetivo de estabelecer possíveis relações entre a teoria psicanalítica e a *práxis* política.

Na interlocução da psicanálise com outros campos do saber se destacam: psicanálise e cinema (uma dissertação); escritores literários (uma dissertação); psicanálise e direito (duas dissertações); psicanálise e instituições como Cras, Apac, Caps (quatro dissertações).

Seja “sobre”, ou seja, “em” psicanálise, o conceito compreendido e bem trabalhado permitiu discussões que agregam novas facetas à *práxis* do psicanalista. A relação inerente entre os conceitos psicanalíticos e a clínica psicanalítica ficou evidente, pois nesta conformidade, ao retomarmos o estudo dos conceitos fundamentais da psicanálise e seus efeitos na prática, mantemos, com a investigação clínica, um ponto que interroga permanentemente a doutrina. Tal como nos apresenta Calazans *et al.*:

A pesquisa psicanalítica na universidade vem ratificar que não podemos, de modo algum, descuidar da abordagem dos conceitos fundamentais, pois será em função das vias que eles traçarão no real que poderemos pensar, tanto a ordem de problemas de pesquisa e extensão pertinentes à psicanálise, quanto a direção do tratamento que se espera de um psicanalista (CALAZANS *et al.*, 2008, p. 135).

Portanto, é no enfrentamento constante entre teoria e prática que nos colocamos como Núcleo de Pesquisa em Psicanálise situado no programa de Pós-graduação na universidade. Pois, é por meio da pesquisa psicanalítica em extensão e em intensão que temos promovido e sustentado as pesquisas teóricas em psicanálise na UFSJ.

4 A investigação em psicanálise na universidade

Souza (2001) considera que nos últimos anos aconteceu um significativo aumento da presença da psicanálise na universidade. Essa presença se fez nos currículos da graduação em Psicologia, nos programas de pós-graduação em linhas de pesquisa ou em programas exclusivamente dedicados à teoria psicanalítica. O autor assevera que a presença da psicanálise na universidade é importante, pois possibilita o estudo da teoria psicanalítica a não psicanalistas e permite o confronto desta com as outras modalidades do saber.

Sobre esse aspecto, Pinto (1999) defende que a universidade deve assumir a função de legitimar a vocação científica da psicanálise. O objeto da psicanálise faz com que ela opere com um saber suposto e cabe à universidade demonstrar o saber envolvido na experiência.

A pesquisa em psicanálise no âmbito acadêmico já se encontra consolidada, mas para que se mantenha a especificidade da proposta psicanalítica, faz-se necessário sempre indagar as peculiaridades desse modo de operar. Mezan (2006) é partidário da assertiva acerca da solidificação da pesquisa em psicanálise ao afirmar:

[...] na universidade – em particular na pós-graduação – vêm sendo realizados trabalhos a que se pode chamar sem medo “pesquisa psicanalítica”. Eles poderiam perfeitamente ser apresentados nas Sociedades, Círculos e associações semelhantes para conferir a seus autores este ou aquele grau: em nada diferem dos que costumam servir a este propósito, exceto talvez por um rigor maior. A universidade interessou-se pela questão por uma razão muito simples: para escrever dissertações e teses *em* psicanálise e *de* psicanálise, é necessário pesquisar no sentido forte deste termo. E a prova de que tais trabalhos são úteis para o psicanalista não-acadêmico está no fato de que hoje se tornou comum estudar em livros gestados nas incubadoras da pós-graduação (MEZAN, 2006, p. 232).

Podemos afirmar que, por definição, a psicanálise se elucida enquanto proposta investigativa, seja na clínica, seja no social. Dunker (2013) assinala que as características da psicanálise aplicada e do discurso analisante que a ela se liga fazem desse campo um método de invenção e descobertas. O autor se refere às seguintes características: a “recordação”, que é concernente ao discurso e se orienta pela história e contingências implicadas nas lembranças; a “implicação”, que consiste em um discurso que permite a interrogação ética sobre as formações de estranhamento com as quais se depara; e a “transferência”, que diz respeito a um discurso que se articula a uma suposição de saber e que aponta para o propósito de diálogo.

A colocação do pesquisador na posição de analisante pode ajudar, na concepção de Dunker (2013), a compreender a dubiedade presente na própria definição que Freud (1923/2011) fez da psicanálise em “Psicanálise e teoria da libido. Dois verbetes para um dicionário de sexologia”, em que a psicanálise é definida como teoria, método clínico e disciplina científica. A prática investigativa se insere, portanto, no centro da psicanálise, ainda que se expanda para além do atendimento no *setting* analítico.

Algumas reflexões sobre o tema da pesquisa em psicanálise, como as de Elia (1999), propõem a inserção da transferência como condição estrutural na pesquisa em psicanálise. Mezêncio (2004) propõe que a especificidade da pesquisa em psicanálise está na constituição mesma de seu objeto. Para ela, a incompletude do saber é inerente à natureza do objeto, como também dependente da implicação do pesquisador no objeto pesquisado. A psicanálise argumenta que, se o sujeito é dividido, não se poderá construir qualquer saber que se pretenda completo.

Lo Bianco (2003), por seu turno, ao abordar as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise, considera que, na pesquisa na área, é imperativo o reconhecimento da especificidade de seu objeto, pois tal objeto só se deixa circunscrever em análise, na qual analista e analisante estão implicados nas próprias produções inconscientes sob investigação. Pinto (1999), por sua vez, assevera que há uma dissimetria entre a política da psicanálise, que visa às singularidades das soluções encontradas pelo sujeito ao lidar com os impasses do gozo, e a mestria dos outros laços sociais que se sustentam na forclusão do sujeito. Temos, ainda, a posição de Iribarry (2003), que, ao apresentar as condições preliminares do método da pesquisa psicanalítica, propõe o exame do ponto de vista de sua singularidade e de sua relação com o significante tomado em oposição ao signo.

Em consonância com os autores supracitados, Gallo e Ramirez (2012) adotam como tese central de seu livro que a experiência clínica pode e deve sustentar a experiência de ensino e pesquisa na universidade. É por isso que eles encorajam

professores e pesquisadores em psicanálise a assumirem o desafio de adaptar a disciplina à pesquisa de fenômenos sociais em instituições universitárias, sem, portanto, trair seus princípios e conceitos elementares.

O método na pesquisa psicanalítica deve garantir precisão ao mesmo tempo em que se adaptar a cada novo objeto e se reinventar em novos procedimentos. Para isso, Gallo e Ramirez (2012) argumentam que o método deve ser flexível e, antes de tudo, ser construído à medida que a pesquisa avança. Este ponto mostra semelhanças com pesquisas sociais qualitativas, mas a diferença está nas fontes de dados que são manipulados, bem como nas diferentes concepções de sujeito que eles envolvem em diferentes tipos de pesquisa. O sujeito em psicanálise não é o sujeito da ação, determinada social e historicamente – com a qual as ciências sociais trabalham. O sujeito em psicanálise é um estado de exceção que carrega consigo um não saber. Portanto, a epistemologia na psicanálise está mais perto de uma busca pelo singular e pelo novo do que por parâmetros científicos que formulem leis e diretrizes pré-estabelecidas.

Ao ressaltar o valor dos conceitos para a investigação em psicanálise, esses mesmos autores lembram que esses conceitos não devem ser tratados como dogmas, mas também não devemos esquecer que eles trazem consigo uma orientação específica de pesquisa. Porém, o pesquisador-psicanalista possui uma responsabilidade ética de preservar na universidade o aspecto do desejo de saber, que diversas vezes se opõe as obrigações curriculares. Tal afirmação revela-se peremptória a medida que mostra uma oposição entre a forma de transmitir a psicanálise e a forma tradicional de instruir sobre conteúdos teóricos nas salas de aula das universidades. Assim, destacamos um aspecto fundamental da clínica psicanalítica que é a ética do desejo, que deve ser estendida e desdobrada nos vários contextos em que o psicanalista intervém. Acreditamos, nesse sentido, que a psicanálise é capaz inclusive de contribuir para o questionamento de certos aspectos do saber universitário, no que tange aos seus modos de ensino e transmissão. Como afirmamos anteriormente, encontramos tanto em Freud quanto em Lacan uma extensa reflexão sobre a

questão da transmissão do saber analítico, reflexão essa que é confluyente a uma crítica aos modelos de ensino tradicionais, calcados no binômio mestre/aluno.

No lugar desses modelos, Lacan (1960-1961/1992) propõe pensarmos a questão da transferência como central ao ato de transmissão, relacionando em diversos momentos de seus seminários o lugar daquele que transmite o saber, que chamou de “sujeito suposto saber” (LACAN, 1960-1961/1992). Ora, a tarefa do analista, como sujeito suposto saber, é calcada no estabelecimento e na dissolução da transferência bem como no atravessamento da fantasia de mestria, fantasia essa que pode ser relacionada ao lugar do médico ou psicólogo, na clínica, mas também ao lugar do professor, em sala de aula.

Não cabe neste manuscrito realizarmos uma ampla reflexão histórica acerca daquilo que entendemos por “modelos tradicionais” de ensino, a respeito dos quais a psicanálise seria crítica. Entretanto, podemos relacioná-los em linhas gerais ao que Michel Foucault (1979) chama de paradigma “disciplinar”, que diz respeito às instituições dentro das quais os jogos de poder e saber estabelecem rígidas hierarquias entre professores e alunos. De fato, a psicanálise historicamente se posiciona como uma das principais correntes teóricas a contribuir para o movimento de crítica às instituições disciplinares, que ocorre a partir do movimento francês conhecido como “Maio de 1968”. Trata-se da subversão da lógica de encarceramento e disciplinamento presente em diversos âmbitos da sociedade, como hospitais, estabelecimentos prisionais, colégios e universidades.

Como Freud coloca na introdução de “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2011), existe entrelaçamento entre psicologia individual e coletiva, de forma que seria impossível compreender o adoecimento psíquico sem questionarmos o mal-estar social. Certamente, há de se atentar para as diferenças concernentes a esses dois espaços subjetivos, quais sejam: a clínica, preocupada com o caso a caso e com a singularidade do sintoma, e a esfera pública, da política e da cidadania. Entretanto, quando torna o conceito de recalque a “pedra angular” da teoria psicanalítica (FREUD, 1914/1980), Freud já se atentava

para o fato de que o psiquismo não poderia ser abordado sem a coletividade, já que o recálque diz respeito à socialização do sujeito, tornando-se condição de seu pertencimento a determinada época e cultura.

Por isso, a pesquisa em psicanálise nas universidades brasileiras tem se caracterizado por uma dupla abordagem, em que tanto a clínica quanto a política tornam-se centrais. É o que podemos constatar em laboratórios de pesquisa como o Laboratório Interunidades de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da Universidade de São Paulo (Latesfip-USP), que se caracteriza pela reflexão acerca das relações entre a psicopatologia e as formas de subjetivação inerentes ao capitalismo moderno. Como já observamos, também podemos constatar a presença da esfera política inerente à psicanálise no PPGPSI, através de dissertações que versam tanto sobre o sistema público de saúde e os prisionais, como os Caps e as Apac, quanto sobre conceitos políticos, como o totalitarismo e os discursos de ódio na esfera pública brasileira.

Retornando, então, à asserção de Mezan acerca do aprofundamento teórico trazido pela universidade à pesquisa em psicanálise, podemos constatar também em nossa linha de pesquisa no PPGPSI, a importância conferida ao rigor epistemológico e metodológico no trato dos conceitos psicanalíticos fundamentais.

O que ancora a pesquisa em psicanálise na universidade, sendo assim, é a investigação rigorosa de seus conceitos fundamentais, sempre passíveis de críticas e revisões, em um trabalho coletivo que foi inaugurado, na verdade, pelo ineditismo das ideias freudianas acerca da subjetividade e do inconsciente. Desse modo, a psicanálise pode contribuir para reflexões concernentes ao laço social no que se refere à abordagem e tratamento do mal-estar subjetivo. Tal contribuição, realizada através da atenção renovada a seus fundamentos conceituais e a seus princípios éticos, além de aprofundar o conhecimento acerca da subjetividade e das formas de tratamento do adoecimento psíquico, também é importante para o questionamento dos jogos de poder e saber que atravessam tanto a sociedade quanto a universidade na contemporaneidade.

Referências

CALAZANS, R. P.; CARVALHO, J. G.; CASTRO, J. E.; LEITE DIAS, M.G.V; CALZAVARA, M. G. P.; CHAVES, W. C. Articulações entre conceitos fundamentais da psicanálise, sua clínica e a pesquisa na universidade. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 133-140, jan./jun. 2008.

CASTRO, J. E. **Psicanálise: ética, discurso e ensino**. Curitiba: Appris, 2016

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Relatório quadrienal 2017**. Psicologia. Brasília: CAPES, 2017.

DUNKER, C. I. L. **A psicose na criança: tempo, linguagem e sujeito**. São Paulo: Zagodoni, 2013.

ELIA, L. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. **Clínica e pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 19-35.

_____. A transferência na pesquisa em psicanálise: Lugar ou Excesso? **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-797219990003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2018.

FONTELLES, C. S. L.; COUTINHO, D. M. B.; HOFFMAN, C. A pesquisa psicanalítica e suas relações com a universidade. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XXI, n.1, p.138-148, jan./abr. 2018.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, S. 1912. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico (1912). In: FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud 6**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. 1914. A história do movimento psicanalítico. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. 1919/1918. Caminhos da terapia psicanalítica. In: FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud 6**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. 1919. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. 1921. Psicologia das massas e análise do Eu. In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. 1922. Dois verbetes de enciclopédia. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. 1923. Psicanálise e teoria da libido. In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. 1937. A análise finita e a infinita. In: FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud 6**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GALLO, H; RAMIREZ, M. E. **El psicoanálisis y la investigación em la universidad**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012.

IRIBARRY, I. N. 2003. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora**, Rio de Janeiro, VI(1), 115-138.

LACAN, J. 1960-1961. **O Seminário, livro 8: A Transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. Prefácio. In: LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan – uma introdução**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.

LO BIANCO, A. C. Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. **Psico-USF**, v. 8, n. 2, p.115-123, 2003.

MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 227-241, jun. 2006 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso>.

Acesso em: 19 nov. 2018.

MEZÊNCIO, M. S. Metodologia e pesquisa em psicanálise: uma questão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.10, n.15, p. 104-113, 2004.

PINTO, J. M. A instituição acadêmica e a legitimação da vocação científica da psicanálise. **Psicologia Reflexão Crítica** [on line], v. 12, n. 3, 1999.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SANTOS, T. C. Do saber suposto ao saber exposto: a experiência analítica e a investigação em psicanálise In: BEIVIDAS, V. **A psicanálise e a pesquisa em universidade**. Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 2002.

SOUZA, O. Psicanálise e universidade: ensino. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p.177-188, 2001.